

“O milho que vale um milhão”: a Agrocere e as mudanças na produção agrícola (Patos de Minas-MG, 1948/2015)

João Otávio de Oliveira Coêlho

Graduando do Curso de História do UNIPAM. e-mail: joaootaviooliveira@hotmail.com

Roberto Carlos dos Santos

Professor Orientador (UNIPAM). e-mail: profrcsantos@unipam.edu.br

Resumo: O presente artigo consiste em uma reflexão crítica acerca da importância da empresa Agrocere no cenário agrícola regional. Para isso há uma análise desde a sua instalação em Patos de Minas, no ano de 1948, até o fim de 2015. Trata-se de uma pesquisa na área de história com uma relação interdisciplinar com a antropologia e a sociologia rural. Propõe-se, assim, investigar os momentos mais relevantes durante esses 67 anos da presença da Agrocere em Patos de Minas. Dessa forma, destaca-se principalmente o processo de difusão das inovações tecnológicas de produção agrícola, considerado moderno num ambiente em que as técnicas e práticas aplicadas à agricultura eram marcadamente tradicionais. Outro ponto de partida a ser observado é o de início da plantação do milho híbrido na região. Tais fatos devem-se ao estímulo do geneticista e um dos criadores da Agrocere, Antônio Secundino de São José, personagem importante na agricultura nacional.

Palavras-chave: Milho. Agrocere. Agricultura. Patos de Minas .

Abstract: This article consists on a critical reflection about the importance of Agrocere Company in the agricultural scenario. For this reason, there is an analysis since its inception in Patos de Minas, in 1948, until the end of 2015. It is a research in the area of History with a relation with interdisciplinary anthropology and rural sociology. It is therefore proposed to investigate the most relevant moments during these 67 years of presence of Agrocere in Patos de Minas. The paper also highlights mainly the process of diffusion of technological innovations in agricultural production, considered modern in an environment where the techniques and practices applied to agriculture were distinctly traditional. Another starting point to be observed is the start planting of hybrid maize in the region. These facts are due to the stimulation of the geneticist and one of the creators of Agrocere, Antonio Secundino de São José, important character in the national agriculture.

Keywords: Maize. Agrocere. Agriculture. Patos de Minas.

1. Introdução

Para a sobrevivência do ser humano, é essencial a presença da alimentação. Ela é composta por diferentes alimentos, que se englobam na classe das frutas, cereais, verduras, frutas, hortaliças e etc. Entre os variados cereais existentes, um se destaca pela sua importância nutricional, ou seja, o *Zea mays*, popularmente conhecido como milho.

Devido a sua importância na alimentação humana e animal (aves, peixes, bovinos e suínos), o milho é um cereal produzido e comercializado em vários países. No Brasil essa realidade não é diferente, pois esse país se consolidou como um dos maiores produtores de milho do mundo. Na cidade de Patos de Minas, localizada na região do Alto Paranaíba, no interior de Minas Gerais, essa realidade é bem semelhante; há uma grande produção de milho em suas terras desde seus primórdios. Em fins da década de 1940 houve uma transformação no cenário agrícola, em especial na cultura desse cereal. Nesse período foi implantado neste solo o cultivo de milho híbrido pela empresa Agroceres. As transformações foram diversas e constantes. Devido ao entusiasmo e euforia do cultivo do milho híbrido, Patos de Minas ganhou uma festa em homenagem a esse alimento (Festa Nacional do Milho, ou Fenamilho). Através desta festividade ocorreu o fomento para Patos de Minas ser intitulada a Capital Nacional do Milho e ganhar repercussão nacional. Pois bem, mesmo Patos de Minas não sendo a maior produtora de milho do Brasil (mas uma das mais representativas), esse cereal e a empresa Agroceres transformaram os rumos da cidade em diferentes aspectos, como econômico, cultural e social.

Nesse sentido, propõe-se aqui fazer um levantamento sobre a importância da empresa Agroceres, desde a sua instalação em Patos de Minas, no ano de 1948, até o fim de 2015. Trata-se de uma pesquisa na área de história com uma relação interdisciplinar com a antropologia e a sociologia rural. Propõe-se, assim, mostrar os momentos mais relevantes durante esses 67 anos da presença da Agroceres em Patos de Minas, destacando principalmente o processo de difusão das inovações tecnológicas de produção agrícola, consideradas modernas num ambiente em que as técnicas e práticas aplicadas à agricultura eram marcadamente tradicionais; e relatar as trocas de experiências ocorridas entre a Agroceres e os agricultores regionais.

A pesquisa avalia especialmente as relações culturais, as transformações e resistências, apropriações e recusas, afetos e conflitos, sem perder de vista obviamente a dimensão e a importância da economia, valorizando assim o papel de destaque que a empresa Agroceres sempre teve em Patos de Minas.

A mudança nos padrões de produção agrícola, especialmente da cultura do milho, pode ser vista como a aplicação da tecnologia mais avançada da genética vegetal com a possibilidade de lucros maiores para os produtores rurais, estes oriundos de práticas tradicionais. Para compreender todo este processo, é preciso voltar ao ano de 1948, data da implantação da unidade de produção da empresa Agroceres na cidade de Patos de Minas e do início da plantação do milho híbrido na região. Tais fatos devem-se ao geneticista Antônio Secundino de São José, cuja trajetória será relatada em breve.

As relações sociais que se processam no campo devem ser compreendidas como rede complexa e abrangente, envolvendo práticas ligadas à economia, à religião, ao político, ao cultural e ao social, por exemplo. Quando se pesquisa o universo da cultura rural, abre-se a oportunidade de entendê-lo fora da caricatura e do estereótipo da simplicidade. Dessa forma, é preciso partir do pressuposto conceitual de que o rural ou agrícola se transforma, surgem novas ruralidades em que práticas e saberes são atualizados às necessidades do presente. Por isso, não se pode avaliar o mundo rural como naturalizado e determinado pelas forças da natureza, mas, ao contrário, deve-se enxergá-lo como espaço da cultura e da ação humana. Enfim, o meio rural é um mundo antrópico. Trata-se de superar a ideia do espaço e do campo como o lugar do exótico e do pitoresco, do

atraso ilustrado por Monteiro Lobato com o seu singular Jeca Tatu, ou do modelo difundido na mídia como lugar das tranquilidades, da paz, propício ao descanso. Para romper com tais mitos houve um embasamento teórico consistente e um trabalho de campo para coletar dados empíricos.

Tendo em vista que no dia 20 de setembro de 2015 a Agrocerec completou setenta anos de existência no país e sessenta e sete de atuação no município de Patos de Minas-MG, este trabalho de pesquisa tenta reconstituir a trajetória da empresa no Brasil e principalmente na região do Alto Paranaíba, mostrando as relações de aproximação e distanciamento entre a tecnologia disponibilizada pela empresa para o campo e as formas tradicionais de produção agrícola. Patos de Minas foi uma das primeiras unidades de produção da Agrocerec, instalada aqui em 1948, tendo sido uma das unidades pioneiras dessa empresa. Ou seja, com apenas três anos de existência, a empresa fez a opção por Patos de Minas. Nesse sentido, observa-se a importância da Agrocerec como uma das principais fomentadoras do desenvolvimento agrícola regional, cuja proposta de valor funda-se em quatro pilares: tecnologia & inovação, qualidade, atendimento e resultado. Além disso, percebe-se *a priori*, que se fala muito da importância econômica da Agrocerec para a região, sem nenhuma referência, entretanto, à sua importância histórica ou a seu patrimônio cultural, construído nessa região há mais de seis décadas.

Diante de um período tão longo de atuação em Patos de Minas, ocorreu a necessidade de fazer um levantamento histórico sobre os principais eventos envolvendo a empresa Agrocerec, sobre os eventuais conflitos de ordem cultural entre as propostas de plantio de sementes de milho híbrido apresentadas pela mesma e, por fim, sobre a receptividade de produtores tradicionais acostumados ao plantio do “milho comum” ou “milho de paiol”.

No período de 1948 a 2015, a empresa Agrocerec trouxe muitas inovações tecnológicas para a agricultura brasileira, em especial para a região de Patos de Minas. Juntamente com a história da empresa, foram construídas representações pelos vários sujeitos sociais envolvidos no processo de produção agrícola. Tais elaborações, possivelmente, permitiram a construção de um imaginário em que o milho híbrido seria o sinônimo de cornucópia ou cocanha, ou seja, da fartura e da riqueza. A importância da produção de milho fez com que a cidade de Patos de Minas, conhecida como terra do trigo e do diamante, fosse transformada em Capital Nacional do Milho, através do decreto nº 56.286, de 17 de maio de 1965. Nesse sentido, o presente trabalho busca reconstruir histórias de vida de produtores rurais que, em determinado momento histórico, viram-se na encruzilhada entre o moderno e o antigo, a tecnologia e o senso comum. Tudo num universo rural em transformação rápida e frenética em todas as suas dimensões, isto é, na economia, na cultura, nas religiosidades, nas trocas afetivas etc.

Esse artigo vem promover a discussão de um tema altamente relevante na perspectiva socioeconômica do país, por meio de um debate acadêmico atualizado e, de certa forma, inovador.

2. Desenvolvimento

Vários elementos bibliográficos foram identificados e analisados para a realização desta pesquisa. Procurou-se prestigiar aquelas obras cujas análises apresentam a

possibilidade de um diálogo interdisciplinar que contemple olhares de natureza histórica, sociológica e antropológica, numa proposta convergente. Inicialmente, foram analisados vários periódicos, incluindo revistas e jornais, que circularam em Patos de Minas entre os anos de 1948 a 2015. Dentre eles destacamos os jornais: *Folha Diocesana*, *Jornal dos Municípios*, *Diário de Minas*, *Correio de Patos* e *Folha Patense*. Essas fontes primárias de informações permitiram uma leitura mais detalhada da situação cultural, social e econômica do período eleito como recorte temporal para a pesquisa. Mostraram ainda as transformações ocorridas ao longo dos anos, tanto na empresa Agroceres, como na cidade de Patos de Minas.

As obras aqui relatadas estão subsidiando as discussões teórico-metodológicas da pesquisa, mostrando a importância da empresa Agroceres para a transformação do cenário rural de Patos de Minas-MG, compreendendo todo o processo numa via de mão dupla, ou seja, a modernização da Agroceres e os valores tradicionais dos produtores agrícolas da região não são excludentes. À medida que a Agroceres leva inovações modernizantes ao campo, a sua própria modernidade também sofre influências das práticas culturais fundadas na tradição e no conservadorismo.

Para realizar esse trabalho sobre a história da Agroceres e da produção do milho híbrido em Patos de Minas, tivemos de recorrer a diferentes meios para montar esse “quebra-cabeça”. A pesquisa fundamentou-se em uma metodologia de trabalho acerca de diferentes fontes, das quais citamos as fontes escritas e orais. O primeiro passo foi a coleta de dados, em que foram buscadas fontes primárias e secundárias referentes à empresa pesquisada.

A primeira etapa do processo foi fundamentada numa ampla pesquisa bibliográfica, constituída por livros, revistas, jornal de época, artigos acadêmicos, publicações via internet e outros meios digitais, fotografias, obras memorialísticas e outras produções afins ao objeto de estudo. Essas obras foram analisadas e selecionadas. Além disso, foi realizado um levantamento prévio de fontes documentais iconográficas, principalmente fotografias, nos acervos da Fundação Casa da Cultura do Milho - Memorial do Milho, no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em História do Centro Universitário de Patos de Minas (LEPEH) e também em acervos particulares. Essas fontes foram utilizadas para observar e analisar o processo de propaganda, transformação e atuação da empresa Agroceres em Patos de Minas. Dessa forma, privilegiaram-se as fontes primárias sobre o objeto de pesquisa numa relação dialógica com os pressupostos teóricos e metodológicos.

A pesquisa recuperou cronologicamente os principais momentos de atuação da Agroceres em Patos de Minas-MG, com os seus respectivos desdobramentos e influências na região do Alto Paranaíba, de forma a compreender o enfrentamento entre a tradição do mundo rural e as propostas de modernização do campo difundidas pela empresa acima. Nesse sentido, buscou-se a fundamentação teórica e metodológica especialmente nos conceitos de cultura e tradição oriundos da antropologia, de modernidade estudada pela sociologia e de circularidade cultural e método indiciário trabalhado pela história por intermédio do historiador italiano Carlo Ginzburg, no âmbito da história cultural.

Após o levantamento de fontes escritas e iconográficas, foi realizado um trabalho de campo com alguns bastidores desta história. Entre eles foi entrevistado um produtor

rural, um ex-administrador e um ex-funcionário da Agroceres. Para o bom aproveitamento das entrevistas e análise dos depoimentos, esse processo foi embasado nas teorias de história oral da pesquisadora Verena Alberti, em seu livro *Manual de História Oral*. Através da análise das entrevistas, buscou-se compreender, a partir das narrativas, os contextos sociais, econômicos e culturais relacionados à empresa Agroceres.

As entrevistas possuem um caráter qualitativo, com perguntas abertas que remetem ao contexto da produção do milho e à empresa Agroceres. A elaboração do roteiro foi objetivada para produzir interfaces entre a experiência do entrevistado e as questões teóricas da pesquisa. Deve-se ressaltar que o roteiro não foi um esquema rígido. Sendo assim, os colaboradores reconstituíram o período vivido de forma livre e espontânea, sem, no entanto, perder de vista o objeto do trabalho. Essas entrevistas foram realizadas no mês de julho e agosto na cidade de Patos de Minas por meio de um gravador. Posteriormente, foi realizada a transcrição dessas entrevistas que estão fazendo parte deste artigo.

Este material serviu para promover o cruzamento de tais informações com outras modalidades de fontes e para ajudar na densidade de informações da narrativa do trabalho. Após toda a coleta e análise do material, muitas informações foram encontradas. Para melhor organização desse raciocínio iremos dividir em alguns temas o desenvolvimento do artigo.

2.1. O milho híbrido e seus primórdios no Brasil

Entre os cereais existentes, o milho é um dos mais consumidos em todo o mundo. Não se sabe ao certo sua origem, mas existem registros do cereal de cerca de 7.300 anos em pequenas ilhas próximas ao litoral do México. Por esse fato, acredita-se que sua origem seja nesse país, inclusive que tenha feito parte da alimentação básica de várias civilizações como os maias, os incas e os astecas.

Ao longo dos anos, o milho foi e é consumido nos diferentes cantos do mundo. Por ter um caráter nutricional, ele serve de alimento para seres humanos e animais. Para atender a essa demanda de consumo do milho, cientistas o foram transformando geneticamente a fim de se produzir mais e ter um valor nutricional maior. Nesse contexto surge o milho híbrido, ou seja, um milho geneticamente melhorado. Segundo o livro *Agroceres 70 anos: você vê, você confia*, o milho geneticamente melhorado é

a semente de milho híbrido era resultado do cruzamento de linhagens puras, obtidas por autofecundação até que gerassem descendentes geneticamente homogêneos, ou puros. Com o cruzamento de linhagens puras, obtinham-se sementes em vigor híbrido, capazes de gerar plantas com produtividade muito acima daquela das sementes convencionais da época, selecionadas a partir da safra anterior (*Agroceres 70 anos: você vê, você confia*, 2015, p. 21).

Um dos percussores do milho híbrido no Brasil foi o cientista Antônio Secundino de São José, que trouxe essa novidade dos Estados Unidos. Aqui no Brasil, o milho passou por mais melhoramentos para se adequar ao solo e à temperatura tropical deste país.

Mas para entender melhor a vinda do milho híbrido, eis a trajetória de Antônio Secundino, o grande difusor da cultura do milho híbrido no Brasil.

Antônio Secundino de São José nasceu na Fazenda da Onça, em Santa Rita dos Patos (nessa época, distrito de Patos de Minas), hoje, município de Presidente Olegário – Minas Gerais, em 10/02/1910. Filho de José Secundino Fonseca de Araújo e Balbina de Araújo. Seu sobrenome São José veio por devoção da mãe a esse santo, que entregou seu filho a ele para proteção. Sua infância não foi fácil, pois com apenas um ano de idade perdeu o pai que morreu de tifo. Após o falecimento do pai, a educação do menino se deu através de sua mãe e de seu padrasto Antônio Batista Marra, mais conhecido por Tônico Batista.

A dedicação do casal a Antônio Secundino foi enorme, tanto que o mandaram para a cidade de Uberaba cursar o ginásio e o colegial no Colégio dos Irmãos Maristas. Por demonstrar grande interesse por fazendas e plantações, foi cursar Agronomia na Escola de Viçosa (hoje Universidade Federal de Viçosa – UFV) em 1928, sendo integrante da primeira turma daquele curso.

A partir desse momento, o jovem Secundino passou a ter contato com plantas geneticamente modificadas e novos meios de cultivo e manejo de plantações. Devido ao seu esforço e dedicação, formou-se em 1932. Logo depois, começaram a aparecer as oportunidades para Antônio Secundino, entre elas a incumbência de montar um instituto agrícola em Maruípe – Espírito Santo, no qual ficou por um ano. Voltando logo depois para a cidade de Viçosa – Minas Gerais, foi ser assistente do professor Diogo Mello (um dos pioneiros em práticas agrícolas inovadoras) e passou a lecionar algumas disciplinas na área de Agricultura Geral.

Depois dessa oportunidade, outras foram surgindo na vida de Antônio Secundino. Sobre essas novas oportunidades e sua primeira experiência no exterior, há uma citação em sua biografia na coletânea *Pense Grande*, de 1989:

Em 1936 começaram a aparecer oportunidades de especialização para brasileiros no exterior. Secundino foi um dos primeiros contemplados com o programa de treinamento, sendo indicado pela Universidade de Viçosa para uma bolsa nos Estados Unidos. Ele aceitou e foi para a Universidade de Iowa, a Iowa State College, na cidade de Ames. [...]. Chegando lá ele viu o que mudaria sua vida: o alto padrão tecnológico dos norte-americanos em geral, o avanço das pesquisas do milho em particular. Embora já soubesse dos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos lá, não imaginava o imenso impacto que as sementes híbridas provocaram, tanto nas pesquisas acadêmicas quanto na própria agricultura (*Pense Grande*, 1989, p. 53).

Estudou por um ano e dois meses nos Estados Unidos, onde teve maior contato com a genética, em especial com o milho híbrido. Aperfeiçoou seus experimentos relacionados a esse cereal e voltou ao Brasil para colocar em prática seus novos conhecimentos. Nesse intervalo, Secundino trabalhou em diferentes departamentos, mas nunca deixou de lado seus experimentos do milho híbrido. Desse trabalho e amor pela genética surgiu o embrião da empresa que iria transformar o cenário agrícola do Brasil, a Agroceres.

IMAGEM 1: Antônio Secundino analisando uma espiga de milho híbrido



Fonte: Acervo Memorial do Milho

A partir desse momento, a própria história do agrônomo Antônio Secundino de São José se confunde com a história da Agroceres. Ele se dedicou de corpo e alma a sua empresa, transformando a agricultura brasileira e se tornando umas das maiores referências em milho híbrido do mundo.

2.2. Empresa Agroceres

Devido ao empreendedorismo, entusiasmo e vontade de disseminar a cultura do milho híbrido no Brasil, Antônio Secundino convidou os colegas John Ware, Adylio Vitarelli, Gladstone Drummond e Dee Wiliam Jackson para criar uma empresa de produção e vendas das sementes de milho híbrido. Sobre a união destes entusiastas, Ney Bitencourt de Araújo (filho de Antônio Secundino), em seu texto *Há 40 anos, apenas a esperança louca dos heróis...* relata:

Secundino e Gladstone acreditavam no milho híbrido e acreditavam no Brasil. Ware, Jacson – dois norte-americanos que conheciam o impacto do milho híbrido em sua nação – que viviam no Brasil e acreditavam nele, acreditavam na Tecnologia e, principalmente, acreditavam no Secundino e no Gladstone. Adylio era um jovem técnico, entusiasmado e cativo às ideias dos quatro. As minguadas poupanças dos navegadores eram, entretanto, muito modestas. [...] O objetivo da Agroceres beirava a esperança louca dos heróis: pretendia introduzir tecnologia moderna – o milho híbrido – no ambiente mais atrasado e resistente da sociedade: a agricultura. E, ousadia maior: sem capital (BITTENCOURT, 1985, p. 4).

IMAGEM 2: Os fundadores da Agrocere: John Ware, Adílio Vitarelli, Gladstone Drummond, Antônio Secundino e Dee Willian Jackson



Fonte: Acervo Memorial do Milho

Como observamos, todos eles ficaram entusiasmados com a ideia de colocar em prática a criação da empresa, ou seja, a pioneira em produção de milho híbrido do Brasil. Ainda sobre os primórdios e o início da empresa é relatado no livro *Agrocere 70 anos: você vê, você confia*:

Os cinco decidiram dar à empresa o nome de Ceres – deusa romana das colheitas, da qual vem a palavra *cereal* –, mas a marca já pertencia a outra companhia. Eles então acrescentaram a palavra *agro* ao nome e daí surgiu, em 20 de setembro de 1945, a Agrocere. Secundino seria o primeiro Presidente da empresa. [...] A produção começou na Fazenda São Fernando, de 65 hectares, adquirida em Goianá, distrito de Rio Novo (MG). No primeiro ano, a empresa produziu e vendeu 3.000 kg de sementes embaladas em saquinhos costurados na máquina de costura de Memorina, esposa de Secundino. (*Agrocere 70 anos: você vê, você confia*, 2015, p. 23).

O início não foi fácil. Qualquer empreendimento necessita de muito investimento e persistência para a sua continuidade. As dificuldades foram enormes, mas Secundino e sua equipe queriam transformar o cenário rural brasileiro, como transformaram. Ela foi a pioneira em agribusiness, ou seja, no paradigma de produção agrícola responsável pela substituição da agricultura de *plantation* e de subsistência. Nesse período de modernização do país, de difusão do modal rodoviário em substituição aos transportes por

estradas de ferro, a Agroceres, surge como a primeira empresa brasileira privada, com pesquisas próprias de genética vegetal, destinada a produzir insumos modernos. Segundo Mayrink, no livro *Agroceres: travessia do sertão ao agribusiness*:

A Agroceres nasceu em 1945, em um 20 de setembro. Recém-terminava a Segunda Guerra Mundial e já se esboçava o movimento que, trinta e nove dias depois, deporia Getúlio Vargas e o Estado Novo. O Brasil de quarenta anos atrás era um país acanhado: uma população de apenas 46 milhões, um terço da de hoje, 70% no campo. Pobre: renda *per capita* de 180 dólares, muito abaixo até para a nossa recessão atual de 1.600 dólares por brasileiro. A produção brasileira de energia elétrica correspondia a 65% da produção da Argentina e a 61% da mexicana, embora nossa população duplicasse a do México e triplicasse a da Argentina (MAYRINK, 1995, p. 15).

Devido ao pioneirismo e a inúmeras inovações aplicadas no campo, a Agroceres, logo de imediato, foi criando novas filiais e expandindo suas plantações em diferentes rincões. Após a implantação da primeira sede em Goianá (Município de Rio Novo – MG), a Agroceres se expandiu. Novas unidades foram abertas, sendo as unidades iniciais Ubá-MG (1946) e Jacarezinho-PR (1947). Já no ano de 1948, uma dessas novas filiais seria implantada na cidade de Patos de Minas, terreno fértil e conhecido de Antônio Secundino.

2.4. Agroceres em Patos de Minas: mudanças e transformações no meio rural

Patos de Minas, desde seus primórdios, teve a agricultura e a pecuária como seus principais meios econômicos. De forma rudimentar e com poucas inovações, esses segmentos econômicos sobreviveram assim por muitos anos. No segmento da agricultura, essa realidade começou a se transformar no ano de 1948, quando a Agroceres criou uma de suas unidades em Patos de Minas. Sobre os primórdios da Agroceres nesta cidade, Oliveira Mello relata em seu livro *Patos de Minas: Capital do Milho*:

A Companhia Sementes Agroceres a primeira a implantar o cultivo do milho híbrido no Município e também a contribuir eficazmente para a melhoria do plantio, fazendo com que os fazendeiros usassem das técnicas modernas [...]. Embora em caráter precário, Patos de Minas foi a segunda localidade a produzir sementes de milho híbrido Agroceres. Isso lá pelos idos de 1948, quando em colaboração de Augusto Caixeta de Queiroz, ex-aluno do Prof. Antônio Secundino de São José na Escola Superior de Agricultura de Viçosa, foi feita a primeira produção de sementes, sem maiores instalações, e em sua propriedade, durante dois anos. Em 1950 deslocou-se para Patos de Minas um dos fundadores da Companhia, Sr. Adylio Vitarelli que, em barracão alugado, continuou, em melhores condições, a produção local de sementes (MELLO, 1971, p. 130).

Passo a passo, a empresa Agroceres foi se desenvolvendo na região de Patos de Minas. No início, não foi fácil a produção nem a venda do milho híbrido, pois a desconfiança dos fazendeiros e meeiros era exacerbada. Não acreditavam na promessa do “milho que vale um milhão”. Sobre esse fato, relata Oliveira Mello:

Inicialmente a aceitação foi muito pequena. Por motivo do crescimento da produtividade das variedades comuns e aumento da produção do híbrido, passou este a ser aceito pelo grande e pelo pequeno produtor. O método de trabalho da Agrocere é usar os agricultores vizinhos às suas Unidades de Produção como colaboradores, fazendo com que o negócio seja bom para ambas as partes. A Companhia paga um preço melhor, fixado antes do plantio, além de – muito importante – fornecer gratuitamente assistência técnica aos seus empreiteiros. Disso resultou um grande melhoramento na técnica cultural do milho no município, seja diretamente (empreiteiro rural), seja indiretamente (vizinhos e visitantes das culturas dos empreiteiros). Para que sintam o leitor o progresso e o desenvolvimento da cultura do milho híbrido em Patos de Minas, tomemos 1953 como ano base da produção: 500 toneladas de semente, já no ano de 1970, a produção foi de 2.400 toneladas (MELLO, 1971, p. 131).

Através das entrevistas procurou-se mostrar diferentes visões, entre elas a dos funcionários da Agrocere. Pelas entrevistas com eles, observamos suas análises com relação à própria empresa, à empresa com os seus cooperados e à introdução do milho híbrido no meio rural. Sobre essa análise, segue o depoimento do senhor Antônio Mário Miquelanti, que além de ter sido funcionário da empresa, trabalhou na propriedade rural de seu pai com o milho da Agrocere:

Não foi de um dia para outro que conseguiram entrar no mercado não. Até porque acharam que o preço da semente do milho híbrido era muito caro. Até que o pessoal chegou à conclusão que a produção era bem maior, demorou. [...] A partir de 1965, que foi quando eu entrei na Agrocere, ainda tinha resistência. Tinha pessoas que usavam o milho do paiol para plantar, então era difícil. Porque tudo que é novo também causa resistência, principalmente a gente que é do campo e não tem o conhecimento. A gente fica com o pé atrás (Entrevista concedida por Antônio Mario Miquelanti, em Patos de Minas, no dia 28 de julho de 2016).

Relacionando a visão do pesquisador Oliveira Mello com o ex-funcionário da Agrocere Antônio Mário, é curioso observar que, no primeiro momento, ambos falam de um estranhamento do homem rural com o milho híbrido. Já no segundo período, há uma aproximação de ambos, principalmente pelo aspecto de lucratividade através do rendimento das plantações.

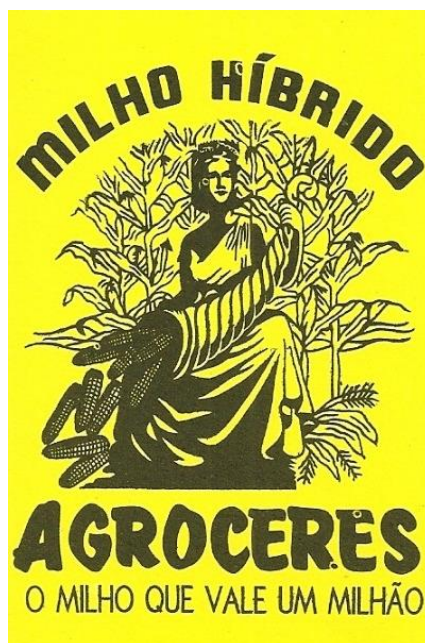
Mesmo ocorrendo “estranhamento” ao milho híbrido da Agrocere, o homem rural se entregou aos seus encantos, pois através dele havia um lucro maior de seu trabalho. Esse fato pode ser observado no depoimento do senhor Joaquim Caetano, mais conhecido como Joaquim Livero. Na década de 1950 ele teve o primeiro contato com as “sementes da Agrocere”, pois era meeiro em uma propriedade na Mata dos Fernandes, zona rural da região de Patos de Minas. Ao ser questionado sobre o cereal modificado geneticamente, ele relata:

Ele era muito diferente. O mio [milho] ele tem o tipo de um vidro. Ele lúmea, ele bria. Lá na roça sê oiava ele e quando o sol esquentava parecia que ele tinha uns diamante no meio. Briava! [...] O mio era bem diferente do outro [milho comum]. Tinha o “macho” e

ele era só bão pra cumer assado. Era duro, miudinho e dava umas espiguiinha mais pequena; mas sadiinha, aquele trem mais bunito. Agora o outro [milho comercial da Agroceres] dava um milho médio na terra boa e num usava adubo, nem cobertura e nem nada, era só a natureza. Ocê não tem nem ideia do tanto que ele rendia (Entrevista concedida por Joaquim Caetano, em Patos de Minas, no dia 12 de agosto de 2016).

Mas para aceitação desse produto no mercado, a Agroceres teve que fazer muitas inovações. Entre elas destaca-se o marketing realizado por essa empresa. A primeira grande estratégia foi o slogan: “O milho que vale um milhão”. Esse bordão representa a fartura e a multiplicação do milho. E ao usar o termo *milho* no aumentativo, faz-se lembrar também de valores financeiros, ou seja, “milhões de reais”.

IMAGEM 3: Propaganda da empresa Agroceres.



Fonte: Acervo Memorial do Milho

Ao longo dos anos, investiram muito em publicidade e propaganda. Pelo fato de ela ser a pioneira na produção de milho híbrido em Patos de Minas e uma das primeiras do Brasil, eles tinham que mostrar suas qualidades e os benefícios alcançados através da produção desse cereal geneticamente melhorado. Como grande parte da população não conhecia o milho híbrido, a empresa Agroceres investiu muito nesse aspecto. Esse fato pode ser considerado primordial para o sucesso, pois através da propaganda observa-se uma linguagem simples, direta e convincente para o produtor e o consumidor do milho híbrido da Agroceres.

Esse era o intuito. Mostrar o milho híbrido e incentivar os produtores rurais a plantá-lo, pois para ocorrer a plantação ele deveria comprar a semente. Logo de imediato

houve essa aceitação do homem do campo. O milho começou a ser plantado e comercializado. A partir desse momento o cenário rural patense iria se transformar, e para o homem do campo, seria uma grande “injeção de ânimo”:

A Agrocere encontrou o plantio do milho no município com pouquíssima técnica. O município era, em 1950, altamente dedicado à pecuária (o que era sensato, já que as comunicações com o resto do estado eram extremamente precárias). A introdução do milho híbrido foi uma injeção de ânimo nos agricultores. Passou a haver um acentuado avanço na técnica do plantio e cultivo do milho; conseqüentemente o aumento da produtividade. Antes só se cultivava o milho comum (variedades tradicionais) e ainda em terrenos não preparados de acordo com a técnica (MELLO, 1971, p. 131).

Como relata Oliveira Mello, houve um acentuado “avanço na técnica do plantio e do cultivo do milho”. Essas mudanças trouxeram inúmeros benefícios e transformações para o meio rural. Com o apoio de novas técnicas, o produtor rural passou a industrializar suas terras e conseqüentemente a ter mais lucratividade. Na obra *Complexo agroindustrial: o “agribusiness” brasileiro*, de autoria de Ney Bittencourt de Araujo, Ivan Wedekin e Luiz Antônio Pinazza, são mostrados argumentos concisos em relação à mecanização do campo e à sua industrialização. Neste trabalho, os autores mostram e enfatizam a “revolução tecnológica” ocorrida na agricultura brasileira em meados dos anos de 1950. Tais mudanças ocorreram principalmente devido aos grandes avanços ocorridos na ciência. Com o melhoramento genético de sementes e insumos (fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos) os progressos do campo foram se solidificando e transformando o meio rural em um grande expoente econômico. Segundo os autores,

da porteira da fazenda para dentro, nota-se uma tendência de especialização do produtor na sua atividade-fim, principalmente onde predomina a chamada “agricultura de mercado”, com o que uma série de trabalhos antes realizados pela agricultura passam a ser processados por agentes externos. Da porteira da fazenda para fora, estrutura-se um moderno parque industrial, que fornece bens de capital e os insumos modernos que abastecem o campo, como máquinas, equipamentos e implementos agrícolas, fertilizantes, sementes melhoradas, defensivos, vacinas, medicamentos, rações etc (ARAUJO, WEKEDIN e PINAZZA, 1990, p. 26).

Além de modificar a zona rural da região de Patos de Minas, a Agrocere transformou profundamente as formas tradicionais da produção agrícola. Nesse sentido, ela representaria a ciência que introduz o plantio de milho híbrido e apresenta aos produtores a possibilidade de maiores lucros. De acordo com os autores, o papel da Agrocere foi fundamental para a modernização rural:

Nasceu a Agrocere, lançando no mercado brasileiro as primeiras sementes de milho híbrido, um insumo com potencial para revolucionar os padrões de produtividade da cul-

tura do milho, na época. Pode-se dizer que, naquele momento, a Agrocères também contribuía para lançar as primeiras sementes da modernidade rural brasileira, pois promovia um casamento no qual a eficiência da fazenda passava a ser potencializada por novos conhecimentos científicos, conquistados do lado de fora da propriedade rural (ARAÚJO, WEKEDIN e PINAZZA, 1990, p. 52).

Na obra acima, pode-se perceber uma analogia entre as antigas atividades agropecuárias e as atuais, mostrando como as “novas tecnologias” no campo alteram significativamente a relação dos produtores rurais com o mercado e, obviamente, com a tecnologia. Mas além desta análise não se pode esquecer as mudanças ocorridas com o homem rural, ou seja, o caipira. Quem descreve muito bem o homem rural é o sociólogo Antonio Candido em seu livro *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, publicado em 1964. Este trabalho retrata a sociedade rural na região de Bofete, no estado de São Paulo, detalhando o cotidiano rural e os diferentes modos de vida e sociabilidades. No livro, o autor procura compreender a transformação do caipira através das novas possibilidades de vida, em que as imposições econômicas do mundo capitalista interferem radicalmente no universo cultural. Sobre este aspecto, Antonio Candido descreve o seguinte:

Hoje a dimensão econômica avultou até desequilibrar a situação antiga. A expansão do mercado capitalista não apenas força o caipira a multiplicar o esforço físico, mas tende a atrofiar as formas coletivas de organização do trabalho (mormente ajuda mútua), cortando as possibilidades de uma sociabilidade mais viva e de uma cultura harmônica. Entregue cada vez mais a si mesmo, o trabalhador é projetado do âmbito comunitário para a esfera de influência da economia regional, individualizando-se. Condição de eficácia e, portanto, sobrevivência, é a renúncia aos padrões anteriores e a aceitação plena do trabalho integral, isto é, trabalho com exclusão das atividades outrora florescentes e necessárias à integração adequada. Quem não faz assim deve abandonar o campo pela cidade, ou mergulhar nas etapas mais acentuadas de desorganização, que conduzem à anomia. Isto se torna claro ao estudarmos a situação de cada membro do grupo em apreço, patenteando-se a interdependência do ritmo do trabalho, vida cultural e equilíbrio econômico (CANDIDO, 2010, p. 194).

Por muitos anos a economia rural foi propriamente de subsistência, ou seja, tudo que era feito e conquistado pelo homem rural era para a sua própria sobrevivência. Com a vinda da Agrocères, esse modelo econômico se transformou. A Agrocères tinha um meio próprio de comercialização dos seus produtos. Ela oferecia as sementes e todos os insumos agrícolas necessários para a plantação. Como contrapartida, a empresa comprava toda a safra do lavrador, e por sinal, pagava um valor mais alto do que o valor de mercado. Por esse fato, os meios econômicos do produtor rural se transformavam, mas a sua vida também. A Agrocères cobrava uma boa qualidade de seus parceiros e para isso, o homem rural devia trabalhar conforme as normas da empresa.

Houve mudanças e permanências ocorridas no meio rural de Patos de Minas-MG

a partir do contato com as propostas de produção agrícola da Agrocere. Pode-se observar que houve as eventuais situações de estranhamento entre o tradicional e o moderno, o rural e o urbano ou entre o científico e o empírico. A diferença e o estranhamento se deram em especial no que diz respeito ao trabalho de retirada do pendão do milho. Essa função se dava com o intuito de impedir a sua fecundação. Por nunca ter exercido tal função, pelo desconforto do trabalho e outros impedimentos, o homem da roça estranhou essa ação. Além disso, era mais um trabalho no cotidiano do caboclo. Sobre esse “novo serviço” e o estranhamento com ele, Edmundo de Moura Estevão, que é engenheiro agrônomo e ex-diretor da Agrocere, relata sobre essa questão:

Lá na propriedade fazendo o despendoamento era o agricultor [...]. Então o despendoamento, que era tirar o pendão do milho para castrar ele, era feito em época plenamente de chuva. Então você tinha que trabalhar molhado o dia inteiro nos meses de dezembro e janeiro [...] O milho estava penduando, você tinha que arrancar o pendão. Era chuva, chuva, chuva e chuva. Isso era um incômodo e, como na época você não podia ter mais de 1% de pendão na planta fêmea, o trabalho era constante. Eles soltavam o pendão na mesma época. Você tinha que passar analisando todas as manhãs. E vinha os fiscais e enchia a paciência realmente. Se estava com mais de 1% de impedimento, tinha que voltar imediatamente, para tirar antes dele polonizar e fecundar. Esse atrito de prazo não era fácil. Imagina você arrumar gente numa época de janeiro? Era época de Folia de Reis. Você tirar o pessoal de uma festança para poder ir debaixo de chuva despendoando milho. Essas coisinhas assim, mas nada de anormal (Entrevista concedida por Edmundo de Moura Estevão, em Patos de Minas, no dia 11 de agosto de 2016).

IMAGEM 4: Fotografia de lavradores retirando o pendão do milho



Fonte: Acervo Memorial do Milho

Ainda sobre os bastidores da Agrocerec, o ex-diretor da empresa, José Ribeiro de Carvalho, descreve em seu livro *Palmilhar o Tempo*, sua trajetória de vida, mostrando elementos da vida pessoal e profissional. No aspecto profissional ele relembra algumas de suas experiências, entre elas segue uma relacionada à retirada do pendão e sua fiscalização:

Eu dirigia a Unidade de Sementes de Patos de Minas, juntamente com o Altivo, que era meu companheiro de serviço de campo. Que trabalhadeira tirar o pendão do milho! Época de Folia de Reis, o pessoal não abria mão das festividades. Principalmente das Pindaibas e do Buracão. Não havia dia santo, nem sábado, nem domingo, a negrada tinha que grudar no serviço, e no duro. Não podia passar do tempo. Era uma briga feia para juntar o pessoal nesse tempo. Quando falava “Zé Ribeiro está vindo aí”, a coisa mudava de aspecto. O pessoal corria e se ajuntava no campo para arrancar os pendões. Se tivesse 5% de pendão soltando pólen, o campo já estava condenado (CARVALHO, 2016, p. 122).

Na fala dos dois antigos diretores da Agrocerec, observa-se a dificuldade de fazer o trabalho de despendoamento, e a grande causa apontada por eles são as Folias de Reis. Essa festividade com caráter sagrado/profano é um dos principais meios de sociabilidade do homem rural da região de Patos de Minas. É nessa ocasião que o povo da roça se une para se divertir e exercer sua religião. Devido aos meios de cultivo do milho híbrido, à modernização do campo e à transformação da própria sociedade, o homem da roça já não possuía o domínio de seu tempo. Ele passa a viver em função do seu trabalho. Com isso, os seus costumes e tradições passam a ser transformados. Por esse fato, o trabalho da roça passa a ser semelhante ao das cidades, formando assim um “proletariado rural”.

3. Conclusão

Nesse artigo, houve as discussões teórico-metodológicas da pesquisa, mostrando a importância da empresa Agrocerec para a transformação do cenário rural de Patos de Minas-MG, compreendendo todo o processo numa via de mão dupla, ou seja, a modernização da Agrocerec e as mudanças dos valores tradicionais dos produtores agrícolas da região. À medida que a Agrocerec levou inovações modernizantes ao campo, a sua própria modernidade também sofreu influências das práticas culturais fundadas na tradição e no conservadorismo.

Através dos resultados obtidos nesta pesquisa e do cruzamento de fontes, notou-se que houve uma influência positiva da Agrocerec em Patos de Minas. Esse fato se deu diretamente através da introdução do milho híbrido nestas terras. Com este cereal melhorado geneticamente ocorreu uma produção/colheita maior e conseqüentemente o aumento dos lucros para o produtor rural. Nesta análise sempre foi levada em consideração a relação da Agrocerec (milho híbrido) com a produção agrícola de Patos de Minas.

Com relação ao homem do campo, também houve mudanças. Ele teve seus costumes e tradições transformadas. Foi obrigado a reestruturar seu tempo, mas se adequou

aos novos meios capitalistas. E como se adequou! Através da mecanização das lavouras ocorreu também a diminuição de trabalho, e com isso, o homem rural passou a ser homem urbano, mudando-se para a cidade ou trazendo os costumes da cidade para a zona rural. A partir da década de 1950, e especialmente nos anos de 1970, a população rural reduz-se, e o país passa a ter um maior número de habitantes considerados urbanos. Mesmo apesar das mudanças e transformações, a Agroceres continua sendo uma das maiores produtoras de grãos do país, fazendo que Patos de Minas se consolide com um dos grandes celeiros nacionais.

IMAGEM 5: Jornal Diário de Minas – Belo Horizonte 24/05/1958



Fonte: LEPEH

4. Referências

AGROCERES 70 anos: você vê, você confia. São Paulo: DBA Editora, 2015.

ARAÚJO, Ney; WEDEKIN, Ivan; PINAZZA, Luiz Antônio. A. *Complexo agroindustrial: o “agribusiness” brasileiro*. São Paulo: Suma Econômica, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARVALHO, José Ribeiro de. *Palmilhar o tempo*. Belo Horizonte: 3i Editora, 2016.

COURY, Marialda. *A Festa do Milho através dos tempos*. Patos de Minas: Fundação Casa da Cultura do Milho, 2008.

FONSECA, Geraldo. *Domínios de pecuários e enxadachins: história de Patos de Minas*. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário, in: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

MAYRINK, Geraldo. *Agroceres: travessia do sertão ao agribusiness*. Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 1995.

OLIVEIRA MELLO, A. *Patos de Minas: capital do milho*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.

PENSE GRANDE: a história de dez empreendedores que concretizaram suas idéias em empresas sólidas e lucrativas trabalhando com persistência e criatividade. São Paulo: Prêmio, 1989.

SANTOS, Roberto Carlos. *Em nome da moral e bons costumes: vertigens da modernidade em Patos de Minas-MG (1900-1960)*. 2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em História/UFU.

SCOTT & SEEGER, Kathleen. *Antônio Secundino e seu milho milagroso*. Portugal, Seleções do *Reader's Digest*, t. 4, n. 25, jun. 1973.